



8/2/2010

Shoa 65 anos: genocídio que não prescreve



Maria Clara Lucchetti Bingemer

O final do mês de janeiro, que há pouco encerramos, continua uma celebração grave e triste. Há 65 anos atrás, em 27 de janeiro de 1945, foram abertos os portões do campo de concentração nazista da cidade polonesa de Oświęcim, conhecida com o nome alemão Auschwitz e foram libertados os poucos sobreviventes.

Elie Wiesel, famoso escritor e pensador judeu, era um deles. Os que leram seu pungente livro, "Noite" lembram-se do último parágrafo, quando Wiesel descreve sua experiência de emergir da noite do horror em que o campo de concentração e suas agruras o tinham mergulhado.

Desnutrido, magro, quase morto, foi resgatado e levado a um hospital. Ali passou mais de um mês lutando entre a vida e a morte. Quando pela primeira vez conseguiu levantar-se e ir até o banheiro, olhou-se no espelho. Quem o olhava do lado de lá era um cadáver, irreconhecível. Olhando esse arremedo de si próprio, esse fantasma que não parecia ter forma humana, Wiesel diz nunca haver experimentado coisa igual.

O Papa Bento XVI, de nacionalidade alemã, que já por diversas vezes pediu sentidamente perdão em nome de seu povo e da Igreja que governa pelos crimes cometidos pelo nazismo, pregou na Praça de São Pedro neste dia. "Tal evento e os testemunhos dos sobreviventes revelam ao mundo o horror dos crimes perpetrados nos campos de extermínio criados pela Alemanha nazista", frisou o Papa. E destacou igualmente a finalidade do fazer memória do que aconteceu naqueles anos: "... recordar todas as vítimas daqueles crimes, especialmente os judeus e também aqueles que, arriscando a própria vida, protegeram os perseguidos, se opondo àquela loucura homicida".

Em discurso emocionado diante do Bundestag, o parlamento alemão, o presidente de Israel, Shimon Peres, que perdeu quase toda a família no Holocausto, pediu a condenação de todos os envolvidos no extermínio de judeus durante o período. "Os sobreviventes do Holocausto estão morrendo aos poucos, mas ao mesmo tempo, homens e mulheres que participam do pior dos atos – o genocídio – continuam vivendo na Alemanha, Europa e outras partes do mundo", declarou Peres.

Sessenta e cinco anos após a libertação de Auschwitz pelo exército russo, 27 de Janeiro de 1945, data escolhida para 'Dia do Holocausto', há ainda quem hoje ouse esquecer, escamotear, ou negar, o brutal genocídio cometido pelo regime nazista alemão. Auschwitz começou por ser um campo de concentração para prisioneiros políticos, para exatamente um ano depois, em 1941, se tornar num campo de extermínio principalmente de judeus, mas também de ciganos, prisioneiros de guerra, em especial russos, e homossexuais através das câmaras de gás então instaladas, que liberavam o temível gás 'zyklon b', o qual asfixia em poucos minutos. Os corpos eram posteriormente incinerados em massa para não deixar vestígios.

Serviu igualmente para inumanas experiências com seres humanos, perpetuadas sob a chefia do médico Josef Mengele, que decidia semanalmente quem seguiria para as experiências e quem rumaria diretamente para a câmara de gás. Calcula-se que mais de um milhão e cem mil pessoas terão sido barbaramente tratadas e mortas em Auschwitz.

Esta proporção é apenas um sexto do total de judeus que foram massacrados neste genocídio. A cifra oficial que é divulgada fala em seis milhões. O que horroriza mais quando se fala da solução final do holocausto é justamente a configuração de frio planejamento, de estudada estratégia, de lento e progressivo "trabalho" que o ser humano encontra para exterminar e levar à morte irremissível seus semelhantes.

Por isso importa fazer memória. Por isso importa denunciar e não deixar de recordar e falar. O

ser humano é a mais bela e querida criatura de Deus. É capaz de compor sinfonias, poesias. É capaz dos gestos oblativos mais heróicos em favor dos outros. Muitos destes gestos foram perpetrados durante a própria Shoa. Baste recordar o pastor Dietrich Bonhoeffer, que em lugar de compor com os membros de sua Igreja que faziam vista gorda para o Fuhrer, entrou em um grupo que denunciava as arbitrariedades do nazismo e acabou preso e enforcado. Ou o frade franciscano Maximiliano Kolbe, que se ofereceu para ir para a câmara de gás no lugar de um chefe de família, pai de nove filhos. Ou a jovem judia holandesa Etty Hillesum que se apresentou voluntariamente no campo de Westerbok, na Holanda, declarando desejar "ajudar a Deus e ser um bálsamo para as feridas de seu povo", sendo posteriormente executada na câmara de gás em Auschwitz.

Mas esse mesmo ser humano é capaz de horrores insuspeitados. Enquanto no mundo animal, a lei do mais forte prevalece e mata para satisfazer necessidades como a fome, entre os seres humanos acontecem coisas como a tortura, a morte lenta e com requintes de sadismo, ou genocídios planejados nos mínimos detalhes como o holocausto nazista.

O horror do que o homem é capaz deve ser recordado e ensinado para que as novas gerações saibam que a capacidade e a possibilidade de praticar o mal é intrínseca a todo o Ser Humano. É na verdade o preço de sua criação em liberdade. Porque é livre, o ser humano pode escolher, e muitas vezes escolhe o mal. A fé cristã nos diz, no entanto, que a graça de Deus se sobrepõe e é maior e mais poderosa do que o mais hediondo dos crimes e dos pecados.

Mas enquanto isso, é importante não esquecer. Recordar para não repetir. Relembrar para purificar a memória e reconciliar mentes e corações. Como disse o Papa Bento XVI em seu discurso no dia do Holocausto: "Que a memória de tais fatos, em particular o drama da Shoah vivido pelo povo judeu, provoque um sempre e mais convencido respeito pela dignidade de toda pessoa e faça com que todos os homens se sintam membros de uma grande família. Deus Onipotente ilumine os corações e as mentes, para que nunca mais se repitam tais tragédias".



imprimir

Fechar